

APRESENTAÇÃO

É com imensa alegria que anunciamos a publicação do Volume III da *Polymatheia – revista de filosofia*. Alegria que se justifica pelo grande número de propostas de artigos que recebemos. Este grande número de propostas se compunha de vários textos das mais diferentes temáticas presentes nos muitos autores clássicos da tradição filosófica. As propostas foram ainda elaboradas e enviadas por mestrandos, mestres, doutorandos e doutores dos mais diversos Estados brasileiros. A diversidade de propostas nos levou a uma certa dificuldade no processo da seleção dos artigos. Mas, finalmente, estamos publicando este número com uma qualidade singular. Isso porque contamos, é claro, com a disposição de muitos professores especialistas das muitas universidades deste país através da sua leitura atenta e minuciosa dos textos e, conseqüentemente, na emissão de seus criteriosos pareceres. Professores estes aos quais somos extremamente gratos.

Seguindo o habitual modo de distribuição de artigos desta revista, esta edição apresenta seus textos em ordem alfabética dos nomes dos autores conforme indicamos a seguir.

O primeiro artigo trata DA SUBJETIVIDADE À OBJETIVIDADE DO ESPÍRITO EM HEGEL (OU: DO ESPÍRITO COMO SUJEITO E COMO SEGUNDA NATUREZA). Nele, Estenio Azevedo analisa, na perspectiva hegeliana da Enciclopédia das ciências filosóficas, a passagem do espírito subjetivo para o espírito objetivo e apresenta essa mudança de posição do espírito como supressão do antagonismo entre os momentos subjetivo e objetivo do desenvolvimento do espírito; desenvolvimento este no qual o espírito se manifesta “sob a forma do conceito que, ao se efetivar, se constitui em uma segunda natureza, ou seja, numa peculiar e concreta unidade do conceito com a realidade”.

No segundo artigo, tendo como título O ESTATUTO DAS PAIXÕES SEGUNDO ARISTÓTELES, Juliana de Almeida apresenta uma concepção que relaciona paixões (*páthe*) com a formação do caráter humano. Tal análise se constitui centralmente a partir de uma leitura da *Ética a Nicômaco*, mas busca dialogar com outras obras de Aristóteles nas quais também se pode encontrar um estudo das emoções e da importância destas no alcance da *eudaimonia*.

Em SOBRE A CONTINUIDADE DO ESTADO DE NATUREZA NO ESTADO CIVIL EM HOBBS, o artigo seguinte, Laura Moosburger apresenta-nos uma reflexão sobre o Leviatã. Ela pretende mostrar como o natural opera no civil. Dito de outra forma, ela destaca uma concepção que considera o término do modo de ser natural dos homens no Estado Civil, término que não nega a manifestação de uma certa continuidade, deste mesmo modo de ser, na efetivação da lei civil.

Lethicia de Oliveira, autora do quarto artigo, propõe-nos uma questão: FILOSOFIA, EXERCÍCIO PARA MORTE OU PARA VIDA? Tendo seus comentários acerca do mito de Er, tal qual ele aparece na narrativa de Sócrates, ao final da República, a autora desenvolve uma discussão sobre a compreensão platônica da filosofia. Trabalhando com conceitos como alma, corpo e cuidado, ela visa, também com relação ao Fédon, “descobrir se ‘boa vida’ e ‘morte’ podem significar o mesmo, a filosofia”.

O quinto artigo tem como título O ESTADO E O INDIVÍDUO: O CONCEITO DE LIBERDADE EM JOHN STUART MILL. Nele Marcio Gimenes de Paula discute, como nos propõe o título, sobre o conceito de liberdade. Para tanto, ele se baseia nas seguintes obras: Sobre a liberdade e Considerações sobre o governo representativo. O autor analisa neste artigo a relação entre o Estado e o indivíduo em Stuart Mill, defensor do governo representativo e da cidadania liberal. Procura ele, todavia, estabelecer as distinções necessárias entre o pensamento do referido pensador inglês e os pensamentos totalitário e anarquista.

O artigo seguinte tem como título ESTUDOS DE GUERRA PAZ NAS NAÇÕES DEMOCRÁTICAS: ALÉXIS DE TOCQUEVILLE, A FILOSOFIA E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. Nele Roberta de Santana Gordo apresenta sua concepção sobre os textos políticos e morais de Aléxis de Tocqueville. Nessa sua concepção, ela procura destacar a visão diferenciada do debate sobre guerra e paz nas relações internacionais no pensamento do referido autor.

O TRÁGICO E O AGÓN EM NIETZSCHE consiste no sétimo artigo desta revista. Seu autor, Thiago Mota, desenvolve uma interpretação sobre o trágico tal como aparece em Nietzsche. Por tal interpretação, apresenta-se a crítica nitzscheana da consideração moral do mundo. Tal crítica, como nos indica Thiago Mota, “revela o caráter agonístico do trágico pensado como fenômeno estético fundamental”.

Fechando esta edição, temos a artigo de Tito Barros Leal que tem como título COMO UM ANJO OLHA O PROGRESSO? CONTRIBUIÇÕES DE WALTER BENJAMIN AO PENSAMENTO HISTORIOGRÁFICO. Nele se apresenta um diálogo entre Walter Benjamin e a Escola dos Annales. Barros Leal nos propõe uma análise que se constitui em duas perspectivas: a historiográfica e a filosófica. Estas duas abordagens se relacionam, de forma a destacar as influências benjaminianas “no ajustamento da História frente às novas perspectivas teórico-metodológicas surgidas no seio da ciência de Clio”.

Esperamos que esta revista se constitua num instrumento de discussão das muitas questões aqui apresentadas e que, enquanto meio de divulgação das pesquisas realizadas nos centros de pós-graduação em Filosofia, seja útil aos processos de formação desenvolvidos por estes centros realizados.

Estenio Ericson Botelho de Azevedo
Editor científico